



08, 09, 10 e 11 de novembro de 2022  
ISSN 2177-3866

## **QUEM TEM MEDO DA PÓS-GRADUAÇÃO? Estudo acerca do Fenômeno do Impostor, estratégias de coping e o perfil acadêmico**

**RAFAELA DE ALMEIDA ARAÚJO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

**TEREZA CRISTINA BATISTA DE LIMA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

**LUIS EDUARDO BRANDÃO PAIVA**

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)

**ISABELLA CARNEIRO CATRIB**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

Agradecimento à órgão de fomento:

Agradecemos à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo incentivo e apoio à pesquisa.

## QUEM TEM MEDO DA PÓS-GRADUAÇÃO? Estudo acerca do Fenômeno do impostor, estratégias de *coping* e o perfil acadêmico

### 1 INTRODUÇÃO

Os sentimentos vivenciados na pós-graduação trazem propensão ao desenvolvimento do Fenômeno do Impostor (FI) (CLANCE, 1985), constructo que recebeu considerável atenção em pesquisas psicológicas (LANE, 2014) e no ensino superior (HUTCHINS; RAINBOLT, 2017; KING; COOLEY, 1995). Esse fenômeno se refere a pessoas que, mesmo sendo objetivamente competentes, se sentem uma fraude e ainda temem ser desmascaradas (LANE, 2014; LEONHARDT; BECHTOLDT; ROHRMANN, 2017).

O FI é caracterizado como um sentimento de insegurança, inadequação e fracasso, que assombra aqueles que atribuem o sucesso à sorte ou ajuda de outros, em vez de reconhecerem a sua competência (BRAUER; WOLF, 2016; HOANG, 2013; SIMON; CHOI, 2018). Aqueles que têm tendências a sentimentos de impostura se sentem indignos de promoções, reconhecimento e recompensas, sendo conhecidos por exibirem altos níveis de perfeccionismo e comportamentos *workaholic* (PARKMAN, 2016). Ademais, o FI representa uma ameaça significativa ao bem-estar, impedindo que os indivíduos busquem desafios e realizem todo o seu potencial (KING; COOLEY, 1995; LANE, 2014).

Nesse sentido, tal fenômeno se torna cada vez mais reconhecido como um constructo relevante para o desenvolvimento de carreiras (NEUREITER; TRAUT-MATTAUSCH, 2016). Pensamentos impostores podem servir como uma barreira psicológica com o potencial de influenciar negativamente os resultados do trabalho docente, como no início da carreira de um acadêmico (HUTCHINS; RAINBOLT, 2017). Segundo Peteet (2014), o FI, assim como sofrimento psíquico, pode ter um efeito prejudicial no sucesso acadêmico. Chassangre e Callahan (2017) acrescentam que, embora o medo de pessoas verdadeiramente impostoras de serem desmascarados seja justificado, o medo das pessoas que são acometidas com esse fenômeno é irracional.

Como forma de lidar com o esgotamento causado pelo FI, indivíduos criam estratégias de enfrentamento para dominar os sentimentos de impostura (WHITMAN; SHANINE, 2012). A essência do *coping* diz respeito às estratégias de mudança deste estado de desconforto (FOLKMAN; LAZARUS, 1980). As estratégias de *coping* “podem ser orientadas ao controle (isto é, estratégias proativas destinadas a resolver a situação) ou orientadas à fuga (ou seja, estratégias de evitação focadas em escapar ou negar a situação)” (LATAACK; KINICKI; PRUSSIA, 1995, p. 323). Diante do que foi abordado, mostra-se a seguinte questão para o desenvolvimento desta pesquisa: qual a relação entre o Fenômeno do Impostor e as estratégias de *coping* com o perfil dos acadêmicos da pós-graduação em negócios?

A necessidade de produção científica pode motivar um produtivismo acadêmico que deixe de lado, muitas vezes, a importância do processo de aquisição e da própria produção de conhecimento (PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2015). Diante dessa pressão sobre produção, o FI tem sido amplamente estudado entre os discentes, especialmente aos que concluíram diplomas considerados mais avançados, como os de mestrado e doutorado (HUTCHINS; RAINBOLT, 2017).

Os sintomas provocados pelo FI podem prejudicar a qualidade de vida de uma pessoa, inibindo o desempenho no trabalho e, conseqüentemente, a satisfação (KING; COOLEY, 1995). É necessário compreender quais estratégias são adotadas para o enfrentamento desses sintomas, para que haja um maior desenvolvimento de discentes, docentes e dos programas de pós-graduação. Nesse sentido, é importante ampliar compreensões no campo do conhecimento relacionado ao FI e as estratégias de *coping* adotadas pelas pessoas, sobretudo quando elas se confrontam com situações ameaçadoras e de mal-estar (SILVA; GOMES, 2009), como acontece no contexto da pós-graduação. Entre os estudos que abordam esses conceitos, poucos

são os que ultrapassaram a identificação da existência do fenômeno e identificam seus antecedentes e habilidades eficazes de enfrentamento (HUTCHINS; RAINBOLT, 2017).

De modo geral, esta pesquisa busca contribuir para que os gestores de instituições de ensino superior possam elaborar e desenvolver programas direcionados à saúde mental de seus discentes e docentes, sobretudo para uma crescente evolução dos programas de pós-graduação, com o intuito de melhorar a produtividade e retenção desses indivíduos, traduzindo ainda em melhores avaliações dentro dos critérios estipulados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

## **2 FENÔMENO DO IMPOSTOR NA PÓS-GRADUAÇÃO**

Indivíduos que experimentam o FI se sentem intelectualmente incapazes, atribuem o seu sucesso à sorte, trabalho duro ou acaso, e não a sua capacidade (GIBSON-BEVERLY; SCHWARTZ, 2008; WHITMAN; SHANINE, 2012). Essas pessoas querem ter uma visão realista de seus talentos e conquistas (CLANCE, 1985). Pessoas com sentimentos de impostura tendem a subestimar as suas habilidades, julgando o sucesso e o fracasso de forma imprecisa, além de viverem com medo de serem descobertos como uma fraude (CLANCE et al., 1995; HUTCHINS; LEONHARDT; BECHTOLDT; ROHRMANN, 2017). Os temores das pessoas com sentimentos de impostura não são necessariamente autodestrutivos ou patológicos, mas podem apresentar um desempenho significativo de desorientação (SIGHTLER; WILSON, 2001).

Sendo assim, os indivíduos que experimentam o FI recebem evidências substanciais de competência, mas não acreditam que sejam merecidas (HUTCHINS; RAINBOLT, 2017; NEUREITER; TRAUT-MATTAUSCH, 2016; PARKMAN, 2016; WHITMAN; SHANINE, 2012) e se tornam críticos em relação ao seu desempenho (HOANG, 2013), buscando compensar por meio do perfeccionismo (CONROY; KAYE; FIFER, 2007). Eles são considerados bem-sucedidos pelos outros, mas não se veem assim (BADAWY, et al., 2018; GIBSON-BEVERLY; SCHWARTZ, 2008; PETEET et al., 2014; WHITMAN; SHANINE, 2012). Isso os leva a desenvolverem sentimentos de falsidade intelectual (BRAUER; WOLF, 2016), pois sua mente cria a ideia assertiva de que sua capacidade não é real, mas um fruto da idealização dos outros (PARKMAN, 2016).

Indivíduos com esse fenômeno apresentam dificuldades em aceitar elogios, reconhecimento por suas realizações ou *feedback* positivo, atribuindo à sorte e focando no *feedback* negativo como uma razão para seus *déficits* (HOANG, 2013). Além disso, pensam que estão apenas fingindo estarem confiantes sobre o que fazem, e isso faz com que queiram permanecer em seu trabalho atual por não serem capazes de vislumbrar alternativas melhores (NEUREITER; TRAUT-MATTAUSCH, 2017). Como as pessoas com sentimentos de impostura costumam ter vergonha de duvidar de si, além de esconderem seus próprios medos, intervenções clínicas têm sido eficazes para o manejo e a redução dos sintomas, incluindo a conscientização dos sintomas, desenvolvimento de habilidades de enfrentamento (*coping*) e psicoterapia (SIGHTLER; WILSON, 2001).

McElwee e Yurak (2010) afirmam que o princípio central do FI é que os indivíduos acreditam que iludem os outros, fazendo parecer que são mais competentes ou inteligentes do que acreditam que verdadeiramente são. Porém, o que ocorre é que os indivíduos com sentimentos de impostura relatam baixa autoavaliação, indicando uma falta de consideração positiva por si mesmo, e não pela discrepância prevista pela teoria. Sightler e Wilson (2001) afirmam que as pessoas com sentimentos de impostura sentem que estão "fingindo com algo" que não pertence a eles e, assim, não são dignos do consequente reconhecimento.

O FI é caracterizado por um conjunto de três ideias que desenvolvem sentimentos de: (a) medo da avaliação; (b) medo de não ser capaz de repetir o sucesso; e (c) medo de ser menos capaz do que os outros (BRAUER; WOLF, 2016; NEUREITER; TRAUT-MATTAUSCH,

2016; SIMON; CHOI, 2018). O temor da avaliação está diretamente ligado ao medo de falhar, já que há propensão para avaliar a ameaça e se sentir ansioso diante de situações que envolvam a possibilidade de falha (CONROY; KAYE; FIFER, 2007; NEUREITER; TRAUT-MATTAUSCH, 2016). Como consequência, fatores ligados ao sucesso, como valorização, poder e *status*, não aumentam a confiança em suas próprias capacidades, mas desencadeiam medo de fracasso (LEONHARDT; BECHTOLDT; ROHRMANN, 2017) e ainda ampliam anseios de um futuro incerto (NEUREITER; TRAUT-MATTAUSCH, 2017; CONROY; KAYE; FIFER, 2007). Como efeito, esses indivíduos se sentem paralisados com prazos e seu medo do fracasso (CLANCE et al., 1995).

As pessoas com sentimentos de impostura temem perder conexão com outras pessoas. Esse medo acontece devido à crença de que ser bem-sucedido resultará em antipatia e ressentimento de seus colegas e, assim, na perda de afeição e aprovação (NEUREITER; TRAUT-MATTAUSCH, 2016). Além disso, existe o medo de ser superestimado em seu ambiente de trabalho, quando se considera menos competentes do que outras pessoas os consideram, sendo que ainda existe o medo de decepcionar os seus pares (LEONHARDT; BECHTOLDT; ROHRMANN, 2017). As conquistas que normalmente promovem o crescimento da autoestima nas pessoas que se sentem impostores, sem verdadeiramente ser, causam um efeito contrário, a falta de atribuição interna de sucesso, prejudicando o desenvolvimento da autoestima (NEUREITER; TRAUT-MATTAUSCH, 2016). O FI é descrito como um constructo multidimensional, caracterizado pela ideia de fraudulência, autocrítica, pressão por conquista e sentimentos negativos. No entanto, a percepção de fraude também pode ser útil para um melhor gerenciamento de impressões e para o automonitoramento da autoestima e imagem sociais, construções não enfatizadas nas definições anteriores (MAK; KLEITMAN; ABBOTT, 2019).

Segundo Hutchins e Rainbolt (2017), o FI ocorre com acadêmicos iniciantes, principalmente alunos de pós-graduação, já que estes estão iniciando a experiência desafiadora de desenvolver as suas identidades profissionais. Vale ressaltar que a maioria das pessoas com sentimentos de impostura são capazes de cumprir suas exigências acadêmicas ou de trabalho (SAKULKU; ALEXANDER, 2011). Assim, o FI não deve ser confundido com uma falta de habilidade ou falsa modéstia (KING; COOLEY, 1995).

É pertinente mencionar que pessoas com sentimentos impostores podem ter um ou mais dos quatro elementos-chave familiares relacionados à realização, que podem contribuir para o desenvolvimento do fenômeno: (1) quando crianças, pessoas com sentimentos impostores acreditam que seus talentos eram atípicos para sua família, sua raça ou gênero; (2) o *feedback* que essas crianças recebem de professores ou colegas é inconsistente com o *feedback* da família; (3) os membros da família não reconhecem ou elogiam essas crianças por suas realizações; e (4) para seus pais, uma vez que é importante que os filhos sejam inteligentes e bem-sucedidos, mesmo que com pouco esforço (CLANCE, 1985; CLANCE et al., 1995; GIBSON-BEVERLY; SCHWARTZ, 2008; KING; COOLEY, 1995).

Clance et al. (1995) mencionam que alguns sujeitos acometidos pelo FI tendem a procurar a aprovação de um mentor ou superior usando bajulação, censurando suas opiniões opostas, oferecendo amizade, tolerando assédio sexual, ou até mesmo acreditando que podem contribuir no caminho para o sucesso. Pesquisas indicam que os escores do FI são mais altos para discentes minoritários (PARKMAN, 2016).

Gibson-Beverly e Schwartz (2008) afirmam que mulheres podem ser mais propensas a experimentar os efeitos do FI, devido ao impacto dos papéis de gênero. Hoang (2013) explica que, em ambientes onde são subrepresentadas, as mulheres podem questionar suas habilidades e capacidades. Além disso, fatores sociais e culturais também contribuem para o medo do sucesso. Em contraste, Badawy et al. (2018) afirmam que homens acometidos pelo fenômeno reagem significativamente mais negativamente sob condições de *feedback* negativo. Diante

disso, mostra-se a seguinte hipótese: **H<sub>1</sub>**: Mulheres sofrem mais com FI e utilizam estratégia de *coping* positiva de suporte social.

Pesquisas apontam uma relação entre o FI e grupos étnicos e raciais, em que afro-americanos demonstram ser mais suscetíveis ao sofrimento psicológico em comparação aos pares brancos (COKLEY et al., 2013; PETEET et al., 2014). Bernard et al. (2017) verificaram que as jovens afro-americanas relatam maior frequência de discriminação e uma maior propensão ao desenvolvimento do FI. Assim, aponta-se mais uma hipótese para esta pesquisa: **H<sub>2</sub>**: Negros tem maior propensa a sofrer com *coping* e utilizam estratégia negativa de isolamento.

Parkman (2016), por sua vez, evidencia que as universidades precisam considerar a retenção do seu corpo discente e docente. O FI vem sendo amplamente documentado na academia e tem o potencial de impactar negativamente a capacidade de programas de reterem alunos, professores e funcionários, e compreender o FI pode ser útil para identificar as pessoas em risco de abandonarem suas carreiras. Portanto, torna-se igualmente importante investigar as possibilidades de minimizar o FI, de forma a criar um ambiente mais convidativo.

### 3 COPING COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO

O *coping* é um mecanismo para lidar com a redução da tensão em circunstâncias adversas (HIRSCH et al., 2015; LAZARUS; FOLKMAN, 1984; PINHEIRO et al., 2003). O *coping* é utilizado em uma situação específica, por exemplo, ser confrontado com um prazo urgente e se caracteriza como uma categoria básica usada para classificar como as pessoas utilizaram estratégias de enfrentamento, capturando as formas como as pessoas respondem às situações, especialmente por meio da busca de ajuda, reflexão, resolução de problemas, rejeição ou reestruturação cognitiva (SKINNER et al., 2003).

As estratégias de *coping* podem incluir autocontrole, mudanças de humor, chorar, lamentar-se e falar ou pensar sobre o assunto (LAZARUS; FOLKMAN, 1984), formas de buscar ajuda, reflexão, resolução de problemas, negação ou reestruturação cognitiva (SKINNER, et al., 2003). Como forma de recomposição das emoções positivas, Folkman (2004) menciona os recursos fisiológicos, psicológicos e sociais de enfrentamento e os tipos de processos de *coping*, que geram emoções positivas, como a busca e a lembrança de benefícios, processos de metas adaptativos, reordenamento de prioridades e infusão de eventos com significado positivo.

Para Costa e Leal (2006), uma das estratégias de *coping* utilizadas é o retraimento social e atividades solitárias, como a leitura, ver televisão, ouvir música ou montar um quebra-cabeça. Essas estratégias parecem facilitar a distração, desviando os pensamentos dos eventos estressores. Latack, Kinicki e Prussia (1995) afirmam que uma forma de enfrentamento é a busca por apoio social que podem ser originadas de várias fontes, como um cônjuge ou colegas de trabalho, e, geralmente, podem ser de dois tipos: instrumental (ajuda) e emocional (consolo).

Como estratégia de *coping*, Zonta, Robles e Grosseman (2006) verificaram que os discentes de medicina desenvolvem a valorização dos relacionamentos interpessoais e de atividades do cotidiano, o equilíbrio entre o estudo e o lazer, organização do tempo, cuidados com a saúde, alimentação, sono, prática de atividades físicas, religiosidade, trabalho com a própria personalidade para lidar com situações adversas, além da procura por assistência psicológica. Diante disso, mostra-se a seguinte hipótese: **H<sub>3</sub>**: Aqueles que realizam atividade física são menos propensos a sofrer com o FI e utilizam como estratégia de *coping* o suporte social.

Além disso, segundo McCrae (1984), em situações negativas, uma das estratégias de *coping* mais utilizadas é a fé que a pessoa tem. A partir dessa abordagem, emerge a quarta hipótese para o desenvolvimento do estudo: **H<sub>4</sub>**: Os mais religiosos sofrem menos com o FI e utilizam estratégia de controle.

No modelo Toulousiano de *coping*, desenvolvido por Esparbès, Sordes-Ader e Tap (1993), as estratégias adotadas são multidimensionais, uma vez que articulam o comportamental (ação), o cognitivo (informação) e o afetivo (emoção). Isso significa que toda conduta humana implica necessariamente na articulação entre esses três campos. O campo comportamental representa todos os processos pelos quais o sujeito prepara e gerencia a ação. O processo pelo qual o sujeito coleta e processa as informações do ambiente, de acordo com a situação, é realizado no campo cognitivo. O campo afetivo é o conjunto de reações emocionais e sentimentos que legitimam atos e aspirações dos sujeitos (SORDES-ADER et al., 1995).

O modelo de *coping* Toulousiano conta com seis estratégias, a saber: Foco, Controle, Recusa, Isolamento, Suporte Social e Retraimento. Nesse modelo, existem estratégias de *coping* que o sujeito utiliza para lidar com o FI de forma positiva. Essas estratégias são Controle e Suporte social, e estratégias de *coping* negativas. No modelo de Toulouse, o Retraimento, Isolamento e a Recusa são utilizados como forma de gerir as emoções negativas (ALVES; OLIVEIRA, 2008). Nunes et al. (2014) elaboraram uma versão reduzida do Modelo Toulousiano, no qual foram mantidas as estratégias: Controle, Recusa, Isolamento, Suporte Social e Retraimento, assim como apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 - Estratégias da Escala de *Coping* Toulousiana - Reduzido

Estratégia	Descrição
<b>Controle (positiva)</b>	Caracteriza o modo de reação segundo o qual a pessoa tem necessidade de refletir e planificar as melhores estratégias deve utilizar para a resolver o problema, não evitando a confrontação.
<b>Recusa (negativa)</b>	Por meio da estratégia de Recusa, o indivíduo age como se o problema não existisse, desenvolve atividades para distração, esquece o problema ou é incapaz de exprimir as suas emoções, procurando distância cognitiva e emocional face ao seu objetivo de resolver o seu problema ou melhor refletir acerca da resolução, recusando admitir a realidade.
<b>Isolamento (negativa)</b>	As pessoas que utilizam esta estratégia caracterizam-se pela mudança de comportamento e pela adaptação da sua ação ao problema. Tem necessidade de um certo isolamento em relação aos outros, responsabilizando-se por gerir os seus problemas.
<b>Suporte Social (positiva)</b>	O suporte social implica um pedido de ajuda em termos cognitivos ou afetivos junto de familiares, amigos, colegas etc. É importante solicitar conselhos e informações e os indivíduos têm necessidade de ser ouvidas e reconfortadas pelos outros e têm necessidade dos outros, a nível informacional e emocional.
<b>Retraimento (negativa)</b>	Estratégia pela qual as pessoas procuram a companhia de outros ou envolvem-se em atividades que as ajudam a não pensar nos problemas que as incomodam.

Fonte: Adaptado de Alves e Oliveira (2008) e Nunes et al. (2014).

É possível perceber que, com a evolução da teoria do *coping*, não somente se busca compreender o comportamento, mas também o indivíduo como um produto do meio em que vive. As estratégias de afastamento/distração, aceitação/resignação e negação do problema foram utilizadas por estudantes que se mostraram insatisfeitos academicamente. Na pesquisa de Hirsch et al. (2015), os estudantes que mais utilizavam a estratégia de fuga da realidade foram os estudantes que não tinham acesso à internet ou lazer. Assim, estudantes satisfeitos com o curso utilizam estratégias de *coping* positivas, ou seja, centradas no problema, enquanto estudantes insatisfeitos utilizam estratégias focada na emoção (negativas).

Luca, Noronha e Queluz (2018) verificaram que discentes universitários que utilizavam diferentes estratégias de *coping* se adaptam melhor ao ambiente acadêmico, podendo ser essenciais para a adaptação à vida universitária. Diante das discussões destacadas e embasadas fortemente na literatura, verifica-se pelo Quadro 2 a abordagem teórica que dá suporte à pesquisa empírica.

Quadro 2 – Suporte teórico para a pesquisa e hipóteses formuladas

Objetivo	Variáveis/ Constructos	Hipóteses	Autores
Examinar a relação do Fenômeno do Impostor e o <i>coping</i> com as categorias sociais.	Gênero	H1: Mulheres sofrem mais com FI e utilizam estratégia de <i>coping</i> positiva de suporte social.	Gibson-Beverly; Schwartz (2008); Hoang (2013); Hutchins; Rainbolt (2017); Peteet et al., (2014)
	Cor da pele	H2: Negros tem maior propensa a sofrer com <i>coping</i> e utilizam estratégia negativa de isolamento.	Bernard et al., (2017); Cokley et al., (2013); Peteet et al., (2014).
	Atividade Física	H3: Aqueles que realizam atividade física são menos propensos a sofrer com o FI e utilizam como estratégia de <i>coping</i> o suporte social.	Zonta, Robles e Grosseman (2006)
	Religiosidade	H4: Os mais religiosos sofrem menos com o FI e utilizam estratégia de controle.	McCrae (1984); Zonta, Robles e Grosseman (2006).

Fonte: Elaborado pelos autores.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se caracteriza como quantitativa, descritiva, visto que tem por finalidade identificar e verificar a frequência de uma prática corrente de uma população específica (COLLIS; HUSSEY, 2005), descrevendo suas características e estabelecendo relações entre as variáveis (GIL, 2014). O universo da pesquisa compreende professores e estudantes de pós-graduação *Strictu Sensu*, no Brasil, de cursos relacionados à área de negócios. No total, são 188 programas de pós-graduação (PPG) em Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo instalados em todas as regiões do país (CAPES, 2017).

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário estruturado, tratando-se de uma amostragem não probabilística, realizada por conveniência (HAIR et al., 2009), tendo como critério de escolha a disponibilidade do respondente em participar da pesquisa. O questionário estava disponível em uma plataforma *online*, enviado por e-mail. A coleta de dados ocorreu entre os dias 03 de outubro e 02 de novembro de 2019. A pesquisa contou com 533 questionários válidos, sendo 146 professores e 387 alunos.

Para avaliar o nível do FI, Clance (1985), desenvolveu a *Clance Impostor Phenomenon Scale (CIPS)*, ferramenta que auxilia na identificação de sintomas do FI. A Escala de Fenômeno de Impostor de Clance é a medida mais comumente utilizada por pesquisadores e profissionais que investigam esse fenômeno (MAK; KLEITMAN; ABBOTT, 2019). A escala propõe 20 itens que examinam atributos específicos relacionados ao FI, como: (a) medo de ser avaliado e por isso rejeitam elogios, (b) medo de ser incapaz de repetir o sucesso atribuindo suas conquistas a sorte; e (c) medo de ser menos capaz que outros tendo uma autopercepção de fraude (CLANCE, 1985).

Para as estratégias de *coping*, utiliza-se a Escala Toulousiana de Esparbès, Sordes-Ader e Tap (1993), uma vez que agrega à teoria de Folkman e Lazarus uma teoria holística da personalização (SORDES-ADER et al., 1995). A abordagem Toulousiana de *coping* (1993) apresenta uma abordagem transacional. Enquanto a abordagem mecanicista de Folkman e Lazarus (1980) privilegia o ambiente externo ou os componentes fisiológicos, a abordagem Toulousiana implica na análise de interações e trocas contínuas entre o organismo e o meio ambiente. Assim, utilizou-se uma versão reduzida, traduzida para o português (Portugal) e validada por Nunes et al. (2014), com cinco grupos de estratégias: Controle, Recusa, Conversão, Suporte Social e Distração – composta por 18 assertivas.

Investiga-se um conjunto de itens com características sociodemográficas dos docentes e discentes, como: Gênero; Idade; Estado Civil; Nível de escolaridade; responsabilidade

financeira; Atividade física; Percepção de cor; Percepção de religiosidade e Percepção de grupo social. As variáveis que caracterizam somente os docentes são: Carga horária e Atividades além das aulas na pós-graduação. Já as características apenas para os discentes foram: Semestre que frequentam; se são bolsistas; qual o órgão financiador da bolsa e se têm outra renda.

A técnica de análise multivariada trata de um conjunto de métodos estatísticos utilizados que possibilitam a análise simultânea de medidas múltiplas para cada fenômeno observado. Inicialmente, os dados foram extraídos da plataforma *on-line GoogleForms®* e organizados no *software Microsoft Office Excel®*. A análise dos dados foi realizada com auxílio do *software SPSS - Statistical Package for the Social Science - versão 26*, por meio de técnicas estatísticas, como: (i) Estatística descritiva; e (ii) Análise de Variância (ANOVA).

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 5.1 Análise do Amostra

Em relação a amostra total investigada, sendo 533 respondentes, constata-se que 146 são professores (27,4%) e 387 alunos de pós-graduação (72,6%). Diante disso, mostra-se uma síntese dos dados sociodemográficos quanto aos docentes e discentes, considerando o gênero, nível de escolaridade e estado civil, conforme pode ser observado pela Tabela 1.

Tabela 1 – Dados sociodemográficos

<b>Gênero</b>	<b>Docente</b>	<b>Discente</b>	<b>Total</b>
Mulher	75 50,7%	225 58,1%	300 56%
Homem	73 49,4%	162 41,9%	235 44%
Total	148 100%	387 100%	535 100%
<b>Nível de Escolaridade</b>	<b>Docente</b>	<b>Discente</b>	<b>Total</b>
Mestrado acadêmico em andamento	0 0%	184 47,5%	184 34,4%
Mestrado acadêmico concluído	0 0%	3 0,8%	3 0,6%
Mestrado profissional em andamento	0 0%	44 11,4%	44 8,2%
Mestrado profissional concluído	1 0,7%	0 0%	0 0,2%
Doutorado em andamento	5 3,4%	152 39,3%	157 29,3%
Doutorado concluído	94 63,5%	4 1%	98 18,3%
Pós-doutorado em andamento	3 2%	0 0%	3 0,6%
Pós-doutorado concluído	45 30,4%	0 0%	45 8,4%
Total	148 27,7%	387 72,3%	535 100%
<b>Estado Civil</b>	<b>Docente</b>	<b>Discente</b>	<b>Total</b>
Solteiro (a)	21 14,2%	200 51,7%	221 41,3%
Casado (a)	98 66,2%	130 33,6%	228 42,6%
União estável	15 10,1%	33 8,5%	48 9%
Separado(a)/Divorciado(a)	14 9,5%	21 5,4%	35 6,5%
Viúvo (a)	0	3	3

	0%	0,8%	0,6%
Total	148	387	535
	27,7%	72,3%	100%
Tem filho?	Docente	Discente	Total
Sim	110	114	224
	74,3%	29,5%	41,9%
Não	38	273	311
	25,7%	70,5%	58,1%
Total	148	387	535
	27,7%	72,3%	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Com base na Tabela 1 é possível observar que 148 (27,7%) são professores e 387 (72,3%) alunos de Pós-graduação. Em relação ao gênero, 300 (56%) respondentes se declararam do sexo feminino e 236 (44%) do sexo masculino. Dentre a amostra analisada é possível ver um equilíbrio entre docentes homens (50,7%) e mulher (49,4%). Já no que tange aos discentes, há uma predominância de mulheres (58,1%) entre eles. No que diz respeito à escolaridade, a maioria dos discentes estão no mestrado acadêmico, representando 47,5%, seguidos dos alunos do doutorado, 39,3%. Entre os docentes, a maioria são Doutores, 63,5%, e 30,4% são Pós-doutores. Em relação ao estado civil, a maioria dos discentes são solteiros (51,7%), seguido dos casados (33,6%). No que tange os docentes, estes, em sua maioria, 66,2%, são casados. Em relação à quantidades de respondentes que tem filhos ou não. No que tange a amostra de professores, 74,3% tem filhos, entre os discentes 41,9%.

Buscou-se verificar, ainda, se os respondentes praticam atividades físicas e com que frequência. Observou-se um total de 24,5% dos respondentes que não praticavam nenhum tipo de atividade física. Os que praticam de forma esporádica somam 5,2%. Entre os que praticavam mais de três vezes por semana, 55,5% são docentes e 44,4% são discentes. Como atividades praticadas, foram relatadas com maior frequência: caminhada e musculação.

Com base no apresentado, ressalta-se que há uma predominância de mulheres na amostra discente. No que diz respeito à amostra docente, não há diferença significativa no que tange ao gênero da amostra. Vale ressaltar que 21,5% dos discentes tem filhos e que 70,2% da população total pratica exercícios físicos semanalmente.

## 5.2 Análise fatorial dos constructos

Utilizou-se a análise fatorial exploratória para identificar se a especificação teórica do FI, na abordagem de três fatores, identificada na teoria de Chrisman et al. (1995), alinhava-se a realidade dos dados. Com a utilização do método de extração componentes principais e método de rotação *Varimax*, foram retornados dois fatores com 65,20% de explicação da variância total. As correlações anti-imagem foram maiores que 0,70 na diagonal, o KMO foi de 0,842, o teste de *Bartlett* apresentou significância e as comunalidades apresentaram indicadores superiores ou próximos a 0,50. Conforme sugerido por Hair et al. (2009), foram ocultadas as cargas fatoriais menores que 0,40, por não serem significantes. A Tabela 2 apresenta a adequação das variáveis em seus respectivos fatores.

Tabela 2 - Análise fatorial do constructo Fenômeno do Impostor

	Fatores		Comunalidades
	Falsidade e subestimação	Sorte	
<b>FI14</b>	<b>,819</b>		<b>,746</b>
FI18	,806		,689
FI17	,737		,649
FI3	,727		,548

<b>FI9</b>	<b>,783</b>	<b>,661</b>
FI11	,767	,688

Fonte: Dados da pesquisa.

Assim como na pesquisa de French et al. (2008), foram identificados dois fatores, sendo o “Fator 1 – Falsidade e Subestimação” alinhado às assertivas em que o indivíduo se sente uma fraude e subestima as próprias habilidades; e o “Fator 2 – Sorte” inerente às crenças de que o sucesso obtido foi devido ao acaso ou a sorte. Porém, os itens encontrados para cada um dos fatores se referem à divisão das afirmativas da Escala de Chrisman et al. (1995). Em relação ao critério da variável substituta (HAIR et al., 2009), considerando a variável que tem maior poder de explicação na análise, a que tem maior poder de explicação para Falsidade e Subestimação é a FI14 – “Tenho medo de que eu possa falhar em uma nova tarefa, embora eu geralmente faça bem o que eu tento”; e a FI9 – “Se eu vou receber uma promoção ou reconhecimento de algum tipo, hesito em contar aos outros até que o fato seja consumado” para explicar a Sorte. Assim como na escala do FI, foi utilizada essa mesma análise para identificar se a especificação teórica do  *coping* , na abordagem de cinco fatores, alinhava-se à realidade dos dados da amostra pesquisada.

Ademais, a variância explicada para o  *coping*  foi a partir da divisão das variáveis em 4 fatores, apresentando, portanto, 61,236%. O grau de explicação dos dados foi de 0,767 – Kaiser-Meyer-Olkin (KMO = 0,767), valor superior a 0,5, o que significa que os dados da análise fatorial descrevem de forma satisfatória cada fator – por meio dos dados originais. O teste de esfericidade de Bartlett (qui-quadrado = 1618,402) foi significativo (p = 0,000), possibilitando afirmar que existe correlação suficiente entre as variáveis para que ocorra esta análise. Desse modo, percebe-se que a análise fatorial é uma técnica adequada para analisar nesta pesquisa o constructo –  *coping*  (Tabela 3).

Tabela 3 - Análise fatorial do constructo  *coping*

	Fatores				Comunalidade
	Controle	Suporte Social	Recusa	Isolamento	
<b>C18</b>	<b>,806</b>				<b>,537</b>
C6	,769				,590
C15	,764				,726
C1	,625				,609
<b>C13</b>		<b>,852</b>			<b>,661</b>
C7		,782			,530
C2		,613			,554
C8		,584			,608
<b>C10</b>			<b>,743</b>		<b>,729</b>
C12			,735		,619
C16			,712		,616
<b>C4</b>				<b>,834</b>	<b>,515</b>
C14				,708	,510

Fonte: Dados da pesquisa.

Alguns itens foram reagrupados e outros retirados, sobretudo por não atenderem aos critérios preestabelecidos na análise fatorial, e isso fez com que ficassem 4 dimensões, a saber: Dimensão 1- “Controle”, cuja dimensão diz respeito às estratégias nas quais o indivíduo planeja a melhor forma de lidar com o FI. Em relação à variável substituta utilizou-se a C18 “Penso nas estratégias que poderei utilizar para melhor resolver o problema”. Na Dimensão 2 – “Suporte

Social”, encontram-se as estratégias referentes à busca por ajuda por meio de outras pessoas, a qual sua variável substituta é C7 “Sinto a necessidade de compartilhar o que sinto internamente com os que me são próximos”. A Dimensão 3 – “Recusa” diz respeito às atividades que o indivíduo desenvolve com objetivo de se distrair, nesta dimensão a variável substituta é C10 “Chego a não sentir nada quando surgem as dificuldades.”. Por fim, na Dimensão 4 – “Isolamento” diz respeito à busca pela companhia de outras pessoas para distrair-se, sendo sua variável substituta o item C4 “Evito encontrar pessoas envolvidas”.

### 5.3 Fenômeno do Impostor, *coping* e características da amostra

Foi realizada, após a análise fatorial, a Análise de Variância (ANOVA) entre os fatores do FI, do *coping*, adotando cada variável substituta identificada na análise fatorial para representar a dimensão, assim como as variáveis sociodemográficas. A escolha do método estatístico pela ANOVA se deu tendo em conta a possibilita analisar situações nas quais existem diversas variáveis independentes. Esse método apresenta como essas variáveis interagem umas com as outras e que efeitos essas interações apresentam (FIELD, 2009).

Inicialmente, verificou-se de que forma o gênero interage com o FI. Ademais, segundo Clance et al. (1995) e Gibson-Beverly e Schwartz (2008), as mulheres podem ser mais propensas que os homens a experimentar os efeitos do FI por conta do impacto dos estereótipos de papéis de gênero. Ainda conforme Costa e Leal (2006), os homens utilizam mais de estratégias de Controle, estratégia de *coping* positivo, enquanto as mulheres utilizam a estratégia de Retraimento, conforme podem ser observadas as análises por meio da Tabela 4.

Tabela 4 – FI, *Coping* e Gênero

Constructos		Soma dos quadrados	df	Média dos quadrados	F	Sig.
Controle	Entre os Grupos	,180	1	,180	,217	,641
	Dentro dos Grupos	441,833	534	,827		
	Total	442,013	535			
Suporte Social	Entre os Grupos	18,848	1	18,848	14,045	,000
	Dentro dos Grupos	716,608	534	1,342		
	Total	735,455	535			
Recusa	Entre os Grupos	10,519	1	10,519	9,423	,002
	Dentro dos Grupos	596,165	534	1,116		
	Total	606,685	535			
Isolamento	Entre os Grupos	11,674	1	11,674	9,365	,002
	Dentro dos Grupos	665,632	534	1,247		
	Total	677,306	535			
Falsidade e subestimação	Entre os Grupos	50,600	1	50,600	31,655	,000
	Dentro dos Grupos	853,578	534	1,598		
	Total	904,177	535			
Sorte	Entre os Grupos	9,545	1	9,545	8,900	,003
	Dentro dos Grupos	572,664	534	1,072		
	Total	582,209	535			

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação ao FI, a sensação de “Falsidade e subestimação” se sobressai entre homens e mulheres. Para o *coping*, o “Suporte social” é o mais utilizado ( $F$  18,848), portanto, existe um efeito significativo da variável gênero para esse estudo. Assim, conforme estabelecido na  $H_1$ :

“Mulheres sofrem mais com FI e utilizam estratégia de *coping* positiva de suporte social”, os achados permitem confirmar essa hipótese. Isso confirma o mencionado por Gibson-Beverly e Schwartz (2008), tendo em vista que as mulheres são mais acometidas pelo FI e tem como necessidade de afirmação de suas capacidades por meio suporte de outras pessoas.

Em seguida, foi analisada a influência da cor da pele sobre as variáveis do FI e do *Coping*, conforme pode ser constatada pela Tabela 5.

Tabela 5 – FI, *Coping* e Cor da pele

Constructos		Soma dos quadrados	df	Média dos quadrados	F	Sig.
Controle	Entre os Grupos	4,068	4	1,017	1,233	,296
	Dentro dos Grupos	437,945	531	,825		
	Total	442,013	535			
Suporte Social	Entre os Grupos	,684	4	,171	,124	,974
	Dentro dos Grupos	734,771	531	1,384		
	Total	735,455	535			
Recusa	Entre os Grupos	4,897	4	1,224	1,080	,365
	Dentro dos Grupos	601,788	531	1,133		
	Total	606,685	535			
Isolamento	Entre os Grupos	16,460	4	4,115	3,306	,011
	Dentro dos Grupos	660,846	531	1,245		
	Total	677,306	535			
Falsidade e subestimação	Entre os Grupos	3,857	4	,964	,569	,686
	Dentro dos Grupos	900,321	531	1,696		
	Total	904,177	535			
Sorte	Entre os Grupos	2,111	4	,528	,483	,748
	Dentro dos Grupos	580,098	531	1,092		
	Total	582,209	535			

Fonte: Dados da pesquisa.

Os indivíduos que se declararam negros têm mais sentimentos de “Falsidade e subestimação”, utilizando como mecanismo de enfrentamento a estratégia de “Isolamento”. Cokley et al. (2013) e Peteet et al. (2014) encontraram relação entre o FI e grupos étnicos e raciais, nos quais, assim como nos achados desta pesquisa, os negros demonstram ser mais suscetíveis ao sofrimento psicológico. Nesse sentido, a H<sub>2</sub>: “Negros tem maior propensa a sofrer com *coping* e utilizam estratégia negativa de isolamento” foi confirmada, de acordo com os achados desta pesquisa. Isso confirma os achados de Bernard et al. (2017), pois, tendo em vista que esses sujeitos sofrem discriminação por sua cor da pele, eles encontram como estratégia de enfrentamento o isolamento.

Em seguida, examinou-se a influência da frequência da realização de atividade física sobre as variáveis do FI e do *coping*. Optou-se, portanto, por analisar a frequência da atividade física, uma vez que, segundo Zonta, Robles e Grosseman (2006), uma das formas de *coping* utilizadas por estudantes são o os cuidados com a saúde, alimentação e o sono e a prática de atividade física.

Tabela 6 – FI, *Coping* e Atividade Física

		Soma dos quadrados	df	Média dos quadrados	F	Sig.
Controle	Entre os Grupos	,833	3	,278	,335	,800
	Dentro dos Grupos	441,180	532	,829		
	Total	442,013	535			
Suporte Social	Entre os Grupos	2,835	3	,945	,686	,561
	Dentro dos Grupos	732,620	532	1,377		
	Total	735,455	535			
Recusa	Entre os Grupos	,751	3	,250	,220	,883
	Dentro dos Grupos	605,934	532	1,139		
	Total	606,685	535			
Isolamento	Entre os Grupos	15,718	3	5,239	4,213	,006
	Dentro dos Grupos	661,588	532	1,244		
	Total	677,306	535			
Falsidade e subestimação	Entre os Grupos	16,713	3	5,571	3,340	,019
	Dentro dos Grupos	887,464	532	1,668		
	Total	904,177	535			
Sorte	Entre os Grupos	1,060	3	,353	,323	,808
	Dentro dos Grupos	581,149	532	1,092		
	Total	582,209	535			

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme observado na Tabela 6, é possível verificar uma relação de significância entre os grupos não praticantes e praticantes de atividade física como estratégias de *coping*. A mais utilizada foi o “Isolamento” (4,213). No que tange ao FI, destaca-se o sentimento de “Falsidade e subestimação” (3,340) entre aqueles que não praticam atividade física. Portanto, a hipótese H<sub>3</sub>: “Aqueles que realizam atividade física são menos propensos a sofrer com o FI e utilizam como estratégia de *coping* o suporte social” também foi confirmada. Nesse sentido, é possível confirmar o que foi enfatizado por Vieira e Schermann (2015), em que mulheres e os não praticantes de atividade física apresentaram um maior nível de FI, e isso também foi comprovado nos resultados encontrados neste estudo.

Por fim, verificou-se a relação da amostra com a religiosidade e como esta impactava nas variáveis do FI e *coping* (Tabela 7).

Tabela 7 – FI, *Coping* e Religiosidade

		Soma dos quadrados	df	Média dos quadrados	F	Sig.
Controle	Entre os Grupos	1,955	4	,489	,590	,670
	Dentro dos Grupos	440,058	531	,829		
	Total	442,013	535			
Suporte Social	Entre os Grupos	8,336	4	2,084	1,522	,194
	Dentro dos Grupos	727,120	531	1,369		
	Total	735,455	535			
Recusa	Entre os Grupos	2,309	4	,577	,507	,730
	Dentro dos Grupos	604,375	531	1,138		

	Total	606,685	535			
Isolamento	Entre os Grupos	2,899	4	,725	,571	,684
	Dentro dos Grupos	674,407	531	1,270		
	Total	677,306	535			
Falsidade e subestimação	Entre os Grupos	7,083	4	1,771	1,048	,382
	Dentro dos Grupos	897,094	531	1,689		
	Total	904,177	535			
Sorte	Entre os Grupos	6,786	4	1,696	1,565	,182
	Dentro dos Grupos	575,423	531	1,084		
	Total	582,209	535			

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme observado, é possível ver uma relação de significância entre os grupos não religiosos e religiosos como estratégias de *coping*. A mais utilizada foi o “suporte social” (1,522). No que tange ao FI, destaca-se o sentimento de “sorte” (1,565) entre aqueles que era e que não era religiosos. Portanto, a H<sub>4</sub>: “Os mais religiosos sofrem menos com o FI e utilizam estratégia de controle”, pode ser rejeitada, tendo em vista que, apesar de os mais religiosos sofrerem menos, estes utilizam a estratégia de suporte social. Assim, apesar de poder confirmar o que foi mencionado por McCrae (1984), sobre a utilização da religião como estratégia, eles não ver como uma estratégia de suporte, mas, sim, como forma de controle do sentimento de sorte associados ao FI.

## 6 CONCLUSÕES

O questionamento que norteou esta pesquisa se deu a partir da seguinte questão: qual a relação entre o Fenômeno do Impostor e as estratégias de *coping* com o perfil dos acadêmicos da pós-graduação em negócios? Nesse sentido, foram identificadas as relações entre o FI e as estratégias de *coping* Toulousiano, utilizadas pelos docentes e discentes da pós-graduação *stricto sensu* da área de negócios. Para tanto, a metodologia adotada se mostrou pertinente para a análise dos resultados da pesquisa.

Assim, foi possível concluir que mulheres sofrem mais que homens com o FI, visto que elas buscam, como estratégia de enfrentamento, o “Suporte social”; enquanto os homens utilizam-se mais do “Controle”. Em relação à cor da pele, os que se posicionaram na categoria 5 (pele mais escura) são os que mais sofrem com o FI. Ademais, as estratégias que mais usam são, respectivamente, “Isolamento” e “Recusa”, estratégias de *coping* negativas. Quanto à religiosidade, observou-se que aqueles que são mais religiosos utilizam-se de estratégias de *coping* consideradas positivas, como “Controle” e “Suporte Social”. Aqueles que se consideraram mais religiosos, apresentaram menos dificuldade ao enfrentar o FI.

Quanto à prática de atividade física, quase metade da amostra afirma fazê-la mais de três vezes por semana. A estratégia de *coping* mais utilizadas por essas pessoas é o “Controle”. Entre aqueles que não praticam exercícios, estes sofrem mais com o FI e utilizam a estratégia de “Isolamento” como estratégia para lidar com as pressões. Apesar de as mulheres serem maioria na pesquisa, sofrem mais com o FI, assim como os discentes, que são maioria. Em relação à realização de atividade física e a religião, que são estratégias de *coping*, a maioria pratica essas atividades sofrem menos com o FI. O grupo minoritário de negros sofrem mais com o FI e utilizam estratégias de *coping* negativas. Diante disso, é possível afirmar que essas características na população minoritária influenciam no desenvolvimento do FI.

Concluiu-se, ainda, que existe uma correlação muito baixa entre o FI e as estratégias de *coping*, apontando que as estratégias de *coping* podem não estar sendo utilizadas com a finalidade de enfrentamento dessas duas variáveis. Na ANOVA, foi encontrada uma relação

positiva entre a utilização da estratégia de isolamento (estratégia negativa). Portanto, os grupos minoritários, como mulheres e negros, podem se utilizar de estratégias de *coping* positivas, especialmente por meio da realização de atividades físicas que podem contribuir para que os sentimentos de falsidade e subestimação sejam superados pelos acadêmicos.

As contribuições desta pesquisa para a área acadêmica são pertinentes por avançar na literatura empírica que alinha fenômenos com o contexto acadêmico, de modo a desenvolver um modelo que tem o intuito de prever as estratégias para lidar com o FI, sobretudo a partir do conceito do *coping*. Quanto ao *coping*, tem sido utilizadas estratégias negativas, e não positivas, com o intuito de lidar com o FI. Como contribuições práticas, os programas de pós-graduação podem adotar práticas extracurriculares, como a prática de atividades físicas em grupos como forma de apoio e socialização.

Este estudo apresentou algumas limitações que não foram suplantadas. Por se tratar de uma pesquisa de campo, envolvendo duas amostras distintas, a obtenção de questionários com números aproximados foi dificultada. Os resultados encontrados nesta pesquisa não podem ser generalizados, devido à ocorrência da amostragem ter sido não probabilística. Ademais, houve uma discrepância entre a quantidade de discentes e docentes investigados.

Espera-se, com base no modelo proposto para esta pesquisa, que outros pesquisadores possam dar continuidade a investigações nessa área, utilizando-se de outras técnicas de análise de dados, bem como por meio de entrevista em profundidade com discentes e docentes. Esses fenômenos poderiam ser examinados em uma perspectiva longitudinal (que analisa elementos amostrais em diferentes períodos), com diferentes cursos. O principal foco para panoramas futuros é compreender, ainda mais, o FI no contexto acadêmico.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, M. N.; OLIVEIRA, E. A. M. O efeito do desemprego no stress e coping dos professores do 2º ciclo. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 9, n. 2, p. 335-347, 2008.
- BADAWY, R. L.; GAZDAG, B. A.; BENTLEY, J. R.; BROUER, R. L. Are all impostors created equal? Exploring gender differences in the impostor phenomenon-performance link. **Personality and Individual Differences**, v. 131, p. 156-163, 2018.
- BERNARD, D. L.; LIGE, Q. M.; WILLIS, H. A.; SOSOO, E. E.; NEBLETT, E. W. Impostor phenomenon and mental health: The influence of racial discrimination and gender. **Journal of counseling psychology**, v. 64, n. 2, p. 155, 2017.
- BRAUER, K.; WOLF, A. Validation of the German-language Clance impostor phenomenon scale (GCIPS). **Personality and Individual Differences**, v. 102, p. 153-158, 2016.
- CHASSANGRE, K.; CALLAHAN, S. «J'ai réussi, j'ai de la chance... je serai démasqué»: revue de littérature du syndrome de l'imposteur. **Pratiques Psychologiques**, v. 23, n. 2, p. 97-110, 2017.
- CLANCE, P. R. **The impostor phenomenon: Overcoming the fear that haunts your success**. Peachtree Pub Ltd, 1985.
- \_\_\_\_\_; DINGMAN, D.; REVIERE, S. L.; STOBBER, D. R. Impostor phenomenon in an interpersonal/social context: Origins and treatment. **Women & therapy**, v. 16, n. 4, p. 79-96, 1995.
- COKLEY, K.; MCCLAIN, S.; ENCISO, A.; MARTINEZ, M. An examination of the impact of minority status stress and impostor feelings on the mental health of diverse ethnic minority college students. **Journal of Multicultural Counseling and Development**, v. 41, n. 2, p. 82-95, 2013.
- COLLIS, J.; HUSSEY, R. Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. **Cidade: Editora**, 2005.

CONROY, D. E.; KAYE, M. P.; FIFER, A. M. Cognitive links between fear of failure and perfectionism. **Journal of Rational-Emotive & Cognitive-Behavior Therapy**, v. 25, n. 4, p. 237-253, 2007.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Relatório de Avaliação quadrienal 2017**: Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo. CAPES, 2017. Disponível em:

<<https://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/relatorios-finais-quadrienal-2017/20122017-Administracao-quadrienal.pdf>> Acesso em: 25 de março de 2019.

COSTA, E. S.; LEAL, I. P. Estratégias de coping em estudantes do Ensino Superior. **Análise Psicológica**, 2006, 24.2: 189-199.

ESPARBÈS, S.; SORDES-ADER, F.; TAP, P. Présentation de l'échelle de coping, *in* Les stratégies de coping, Journées du Labo PCS 93. St Ciriq (Actes), pp. 89 -107.1993.

FIELD, A. **Descobrimo a estatística usando o SPSS-2**. Bookman, 2009.

FOLKMAN, S.; LAZARUS, R. S. An analysis of coping in a middle-aged community sample. **Journal of health and social behavior**, p. 219-239, 1980.

FOLKMAN, S.; LAZARUS, R. S. If it changes it must be a process: study of emotion and coping during three stages of a college examination. **Journal of personality and social psychology**, v. 48, n. 1, p. 150, 1985.

FOLKMAN, S.; MOSKOWITZ, J. T. Coping: Pitfalls and promise. **Annu. Rev. Psychol.**, v. 55, p. 745-774, 2004.

FRENCH, B. F.; ULLRICH-FRENCH, S. C.; FOLLMAN, D. The psychometric properties of the Clance Impostor Scale. **Personality and Individual Differences**, v. 44, n. 5, p. 1270-1278, 2008.

GIBSON-BEVERLY, G.; SCHWARTZ, J. P. Attachment, entitlement, and the impostor phenomenon in female graduate students. **Journal of College Counseling**, v. 11, n. 2, p. 119-132, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas S.A., 2014.

HIRSCH, C. D.; BARLEM, E. L. D.; ALMEIDA, L. K. D.; TOMASCHEWSKI-BARLEM, J. G.; FIGUEIRA, A. B.; LUNARDI, V. L. Estratégias de coping de acadêmicos de enfermagem diante do estresse universitário. **Rev. Bras. Enferm**, v. 68, n. 5, p. 783-90, 2015.

HUTCHINS, H. M., RAINBOLT, H. What triggers impostor phenomenon among academic faculty? A critical incident study exploring antecedents, coping, and development opportunities. **Human Resource Development International**, v. 20, n. 3, p. 194-214, 2017.

HOANG, Q. The impostor phenomenon: Overcoming internalized barriers and recognizing achievements. **The Vermont Connection**, v. 34, n. 1, p. 6, 2013.

HAIR, J. F.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. **Análise multivariada de dados**. Bookman editora, 2009.

KING, J. E.; COOLEY, E. L. Achievement orientation and the impostor phenomenon among college students. **Contemporary Educational Psychology**, v. 20, n. 3, p. 304-312, 1995.

LANE, J. A. The impostor phenomenon among emerging adults transitioning into professional life: Developing a grounded theory. **Adultspan Journal**, v. 14, n. 2, p. 114-128, 2015.

LATAACK, J.; KINICKI, A. J.; PRUSSIA, G. E. An integrative process model of coping with job loss. **Academy of Management Review**, v. 20, n. 2, p. 311-342, 1995.

LAZARUS, R. S.; FOLKMAN, S. **Stress, appraisal, and coping**. Springer publishing company, 1984.

LEONHARDT, M.; BECHTOLDT, M. N.; ROHRMANN, S. All Impostors Aren't Alike Differentiating the Impostor Phenomenon. **Frontiers in psychology**, v. 8, p. 1505, 2017.

LUCA, L.; NORONHA, A. P. P.; QUELUZ, F. N. F. R. Relações entre estratégias de coping e adaptabilidade acadêmica em estudantes universitários. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 19, n. 2, p. 169-176, 2018.

MAK, K. K. L.; KLEITMAN, S.; ABBOTT, M. J. Impostor Phenomenon Measurement Scales: A Systematic Review. **Frontiers in psychology**, v. 10, 2019.

MCELWEE, R.; YURAK, T. J. The phenomenology of the impostor phenomenon. **Individual Differences Research**, v. 8, n. 3, p. 184-197, 2010.

NEUREITER, M.; TRAUT-MATTAUSCH, E. An inner barrier to career development: Preconditions of the impostor phenomenon and consequences for career development. **Frontiers in psychology**, v. 7, p. 48, 2016.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Two sides of the career resources coin: Career adaptability resources and the impostor phenomenon. **Journal of Vocational Behavior**, v. 98, p. 56-69, 2017.

NUNES, O.; BRITES, R.; PIRES, M.; HIPÓLITO, J. Escala Toulousiana de coping – reduzida manual técnico de utilização. Centro de Investigação em Psicologia - Universidade Autónoma de Lisboa. 2014.

PAIVA, K. C. M.; SARAIVA, L. A. S. Estresse ocupacional de docentes do ensino superior. **Revista de Administração-RAUSP**, v. 40, n. 2, p. 145-158, 2005.

PARKMAN, A. The impostor phenomenon in higher education: Incidence and impact. **Journal of Higher Education Theory and Practice**, v. 16, n. 1, p. 51, 2016.

PATRUS, R.; DANTAS, D. C.; SHIGAKI, H. B. O produtivismo acadêmico e seus impactos na pós-graduação stricto sensu: uma ameaça à solidariedade entre pares? **Cadernos EBAPE. BR**, v. 13, n. 1, p. 1-18, 2015.

PETEET, B. J.; BROWN, C. M.; LIGE, Q. M.; LANAWAY, D. A. Impostorism is associated with greater psychological distress and lower self-esteem for African American students. **Current Psychology**, v. 34, n. 1, p. 154-163, 2015.

PINHEIRO, F. A.; TRÓCCOLI, B. T.; TAMAYO, M. R. Mensuração de *coping* no ambiente ocupacional. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 19, n. 2, p. 153-158, 2003.

SAKULKU, J.; ALEXANDER, J. The impostor phenomenon. **International Journal of Behavioral Science**, v. 6, n. 1, p. 75-97, 2011.

SIGHTLER, K. W.; WILSON, M. G. Correlates of the impostor phenomenon among undergraduate entrepreneurs. **Psychological Reports**, v. 88, n. 3, p. 679-689, 2001.

SILVA, M. C. M.; GOMES, A. R. Stress ocupacional em profissionais de saúde: um estudo com médicos e enfermeiros portugueses. **Estudos de Psicologia**, V. 14, n.3, setembro-dezembro/2009, 239-248. 2009.

SIMON, M.; CHOI, Y. Using factor analysis to validate the Clance Impostor Phenomenon Scale in sample of science, technology, engineering and mathematics doctoral students. **Personality and Individual Differences**, v. 121, p. 173-175, 2018.

SKINNER, E. A.; EDGE, K., ALTMAN, J.; SHERWOOD, H. Searching for the structure of coping: a review and critique of category systems for classifying ways of coping. **Psychological bulletin**, v. 129, n. 2, p. 216, 2003.

SORDES-ADER, F.; FSIAN, H; ESPARBES, S.; TAP, P. Les stratégies de coping: support social et désirabilité sociale. **Revista Aprendizagem Desenvolvimento**. Institut Piaget de Lisbonne Vol. IV, n 15-16, 165-17, 1995.

WHITMAN, M. V.; SHANINE, K. K. Revisiting the impostor phenomenon: How individuals cope with feelings of being in over their heads. In: **The role of the economic crisis on occupational stress and wellbeing**. Emerald Group Publishing Limited. p. 177-212, 2012.

ZONTA, R.; ROBLES, A. C. C.; GROSSEMAN, S. Stress coping strategies developed by medical students of the Federal University of Santa Catarina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 30, n. 3, p. 147-153, 2006.